

**PATRICIA  
CORNWELL**

**POST MORTEM**

Tradução  
CELSO NOGUEIRA

**PA  
R  
T  
E**

Copyright © 1994 by Patricia Cornwell

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

TÍTULO ORIGINAL Post mortem

CAPA Milena Galli

FOTO DE CAPA Rodrigo Marcondes

PREPARAÇÃO Isabel Jorge Cury

REVISÃO Larissa Lino Barbosa e Juliane Kaori

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Cornwell, Patricia

Post mortem / Patricia Cornwell ; tradução Celso Nogueira.  
— São Paulo : Paralela, 2012.

Título original: Post mortem  
ISBN 978-85-65530-17-0

1. Ficção policial e de mistério (Literatura norte-americana) I. Título.

12-12237

CDD-813.0872

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção policial e de mistério : Literatura norte-americana  
813.0872

[2012]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

[www.editoraparela.com.br](http://www.editoraparela.com.br)

[atendimentoao leitor@editoraparela.com.br](mailto:atendimentoao leitor@editoraparela.com.br)

# 1

Chovia em Richmond naquela sexta-feira, 6 de junho.

O aguaceiro começou de madrugada e não parou mais, arrancando pétalas dos lírios, cobrindo de folhas as calçadas e os telhados. A enxurrada corria pela rua, formando laguinhos nos campos e gramados. Adormeci ao som da água a tamborilar no telhado de ardósia e tive um sonho horrível, enquanto a noite se dissolvia nas primeiras horas da manhã enevoadas de sábado.

Vi um rosto branco através do vidro lavado pela chuva, um rosto desumano disforme, como as faces grosseiras das bonecas feitas com meia de náilon. A janela do quarto estava escura quando o rosto surgiu repentinamente do outro lado, como um espectro maligno a me espiar. Acordei, fixando os olhos na escuridão cega. Só entendi o que me despertara quando o telefone tocou de novo. Tateei até apanhar o aparelho.

“Doutora Scarpetta?”

“Sim.” Estendi o braço e acendi o abajur. O relógio marcava 2h33 da madrugada. Meu coração disparou, reverberando nas costelas.

“Aqui é Pete Marino. Temos um caso no número 5602 da Berkley Avenue. Acho melhor você vir para cá.”

O nome da vítima, explicou, era Lori Petersen, branca, trinta anos. O marido havia encontrado o cadáver meia hora antes.

Era desnecessário dar mais detalhes. Assim que tirei o fone do gancho reconheci a voz do sargento Marino e entendi tudo. Creio que já sabia, desde o momento em que o telefone tocou. As pessoas que acreditam em lobisomem temem a lua cheia. Eu sentia pavor do período entre meia-noite e três da manhã, quando a sexta-feira se transforma em sábado e a cidade está inconsciente.

Nos casos de assassinato, em geral o legista de plantão é chamado à cena do crime. Além disso, aquele não era um caso qualquer. Eu havia

deixado bem claro, após o segundo crime, que deveriam me chamar a qualquer hora, se ocorresse outro assassinato. Marino não gostou da ideia. Desde minha nomeação como legista-chefe na Virgínia, havia menos de dois anos, ele se mostrava difícil. Eu não sabia se ele não gostava de mulheres ou se apenas antipatizava comigo.

“A Berkley fica em Berkley Downs, na região sul”, ele disse, condescendente. “Sabe o caminho?”

Confessei que não sabia e anotei as indicações no bloco que mantinha ao lado do telefone. Desliguei, e meus pés já tocavam o chão quando a adrenalina atingiu meus nervos como café expresso. A casa estava silenciosa. Apanhei a maleta médica preta, gasta e riscada por muitos anos de uso.

O ar noturno parecia sauna fria, e não vi luzes nas janelas das casas vizinhas. Ao dar marcha à ré na perua azul-marinho estacionada na entrada, olhei para a luz na varanda e para a janela do primeiro andar que dava para o quarto onde dormia minha sobrinha Lucy, de dez anos. Aquele seria mais um dia na vida dela que eu perderia. Nossas refeições juntas haviam sido raras, desde a noite de quarta-feira, quando fui buscá-la no aeroporto.

Não havia trânsito até a Parkway. Minutos depois eu atravessava o rio James a toda a velocidade. As lanternas traseiras adiante pareciam rubis, à distância. No retrovisor, uma névoa espectral borrava a silhueta do centro. A escuridão se estendia feito uma planície pelos dois lados da pista, ornada apenas por minúsculos colares de luz embaçada nas bordas. Lá, em algum lugar, há um homem, pensei. Pode ser qualquer um: anda ereto, dorme debaixo de um teto, tem o número normal de dedos nos pés e nas mãos. É branco, provavelmente, e tem bem menos que meus quarenta anos. Pela maioria dos padrões, é uma pessoa comum; provavelmente não anda de BMW, não frequenta os bares badalados do Slip nem as lojas de roupas finas ao longo da Main Street.

Ou, por outro lado, talvez frequente. Pode ser qualquer um, mas é ninguém. Sr. Ninguém. O tipo de sujeito do qual a gente não se lembra depois de subir vinte andares a seu lado, num elevador.

Ele se tornara, por iniciativa própria, o senhor do lado escuro da cidade, uma obsessão para milhares de pessoas que não conhecia. Uma obsessão para mim, o sr. Ninguém.

Uma vez que os homicídios começaram havia dois meses, ele pode ter saído recentemente da cadeia ou de um hospital psiquiátrico. Era a teoria da semana passada, mas as ideias a seu respeito variavam constantemente.

Minha teoria permanecia inalterada, desde o início. Eu insistia na suspeita de que ele se mudara para a cidade recentemente, que matara em outros locais e que nunca havia passado um dia atrás das grades ou num hospital para doentes mentais. Ele não era desorganizado, não era um amador e com toda a certeza não era “maluco”.

A Wilshire ficava no segundo sinal, à esquerda. A Berkley era a seguinte, à direita.

Avistei as luzes azuis e vermelhas piscando, duas quadras adiante. Na frente do número 5602, a rua estava iluminada como o cenário de um desastre. Havia uma ambulância, com o motor ligado a roncar alto, ao lado de dois carros comuns, da polícia, a julgar pelas luzes que piscavam, bem como três viaturas brancas com barras luminosas acesas de ponta a ponta no teto. A equipe de jornalismo do Canal 12 acabara de estacionar. Várias luzes se acenderam nas casas, e muita gente saía na varanda para espiar, de pijama ou casaco.

Estacionei atrás da perua da televisão quando o câmara atravessava a rua correndo. Abaixei a cabeça e a protegi levantando a gola da capa de chuva cáqui até a orelha. Acompanhei o muro de tijolo até a porta de entrada, em passos rápidos. Sempre senti antipatia pela ideia de aparecer no noticiário da noite. Desde o início dos estrangulamentos, meu escritório em Richmond vivia assediado pelos mesmos repórteres incansáveis, que telefonavam insistindo em perguntas insensíveis.

“Tudo indica que vai haver outros crimes se for mesmo um *serial killer*, não é, doutora Scarpetta?”

Dava a impressão de que eles ansiavam por novos crimes.

“É verdade que encontraram mordidas na última vítima, doutora?”

Não era verdade, mas eu levaria a pior, qualquer que fosse a resposta. “Sem comentários”, e eles deduziriam que era verdade. “Não” resultaria, na edição seguinte, em “a doutora Kay Scarpetta nega que marcas de mordida tenham sido encontradas no corpo das vítimas...”. O assassino, que lia os jornais como todo mundo, teria mais uma ideia.

Os relatos recentes dos jornais eram vívidos e assustadoramente detalhados. Deixavam de lado a saudável função de alertar os habitantes da cidade. As mulheres, especialmente as que moravam sozinhas, viviam apavoradas. A venda de armas de fogo e trancas para portas aumentou cinquenta por cento na semana seguinte ao terceiro assassinato, e o SPCA ficou sem cães de guarda — um fenômeno que também chegou às primeiras páginas dos jornais, claro. No dia anterior a repórter policial Abby Turnbull, premiada várias vezes por seu sensacionalismo, demonstrou sua cara de pau costumeira ao entrar em meu departamento para ameaçar os funcionários com a Lei da Liberdade de Informação, numa infrutífera tentativa de conseguir cópias dos relatos das autópsias.

A reportagem policial destacava-se pela agressividade em Richmond, uma tradicional cidade da Virgínia, com 220 mil habitantes, considerada pelo FBI, no ano anterior, como a segunda colocada em homicídios per capita nos Estados Unidos. Não era raro que legistas de outros estados da British Commonwealth passassem um mês em meu departamento para aprimorar seus conhecimentos em ferimentos a bala. Tampouco era raro que policiais de carreira, como Pete Marino, abandonassem a loucura de Nova York ou Chicago para descobrir que Richmond era pior ainda.

Aqueles crimes sexuais eram raros. O cidadão comum não se abala com tiroteios entre traficantes ou casais, nem com as brigas de faca entre bêbados por causa de uma garrafa de Mad Dog. As mulheres mortas, porém, eram colegas de trabalho das pessoas, amigas que elas convidavam para fazer compras ou tomar café, conhecidas com quem conversavam nas festas ou em filas nos caixas dos supermercados. Eram vizinhas, irmãs, namoradas de alguém. Estavam em casa, dormindo na própria cama, quando o sr. Ninguém entrava por uma janela.

Policiais à paisana guardavam a porta de entrada, aberta mas protegida por uma fita amarela que alertava: LOCAL DO CRIME — NÃO ULTRAPASSE.

“Doutora.” O rapaz de azul poderia ser meu filho. Ele deu um passo para o lado e ergueu a fita para que eu passasse, abaixada.

A sala de estar era imaculada, decorada com bom gosto, em tons fortes de rosa. Um móvel interessante, em cerejeira, colocado no canto, servia de apoio para uma televisão pequena e para o aparelho de som. Ali

perto, num pedestal, havia partituras e um violino. Sob a cortina da janela que dava para o gramado havia um sofá modular, e na mesinha de centro, meia dúzia de revistas cuidadosamente empilhadas. Entre elas havia exemplares da *Scientific American* e do *New England Journal of Medicine*. Atravessando o tapete chinês com desenho de um dragão dentro de um medalhão oval rosado sobre fundo creme havia uma estante de nogueira e muitos livros. Obras adotadas nas faculdades de medicina ocupavam duas prateleiras.

Uma passagem aberta conduzia ao corredor que ia até os fundos da casa. Do lado direito situavam-se os quartos, e do esquerdo, a cozinha, onde Marino e um jovem policial conversavam com um homem que, presumi, era o marido.

Notei vagamente os balcões limpos, o piso de paviflex e os eletrodomésticos no tom quase branco que os fabricantes chamam de “amêndoa”, bem como o papel de parede e as cortinas em amarelo-claro. No entanto, minha atenção se concentrou na mesa. Em cima dela havia uma mochila vermelha de náilon cujo conteúdo fora examinado pela polícia: um estetoscópio, uma lanterna tipo palito, um tupperware que servira para levar um sanduíche ou refeição e edições recentes de *Lancet*, *Annals of Surgery* e *Journal of Trauma*. Naquela altura, eu já me sentia bastante perturbada.

Marino olhou para mim friamente, quando parei ao lado da mesa, e depois me apresentou a Matt Petersen, o marido. Petersen, afundado numa cadeira, tinha o rosto arrasado pelo choque. Era um sujeito interessante, quase bonito nas feições impecavelmente esculpidas, no cabelo preto, na pele lisa, suave, levemente bronzeada. Tinha ombros largos e corpo esbelto, elegante. Usava camisa Izod branca e calça jeans desbotada, de modo descontraído. Mantinha os olhos baixos e as mãos rígidas no colo.

“Pertenciam a ela?” Eu precisava saber. Os instrumentos médicos poderiam ser do marido.

Marino confirmou com um “sim” seco.

Petersen ergueu os olhos vagarosamente. Muito azuis, congestionados, pareciam aliviados ao me ver. O médico chegara, trazendo um pouco de esperança para onde não havia nenhuma.

Ele resmungou frases desconexas, reflexos da mente desorientada, atônita. “Falei com ela por telefone. Na noite passada. Ela me disse que chegaria em casa por volta da meia-noite e meia, de volta do plantão no pronto-socorro da vmc, a Faculdade de Medicina da Virgínia. Cheguei, achei que ela já estava na cama, encontrei as luzes apagadas. Aí entrei lá.” Ele ergueu a voz trêmula e respirou fundo. “Entre lá, no quarto.” Seus olhos úmidos revelavam desespero e pediam ajuda. “Por favor. Não quero que as pessoas olhem para ela, que a vejam nesse estado. *Por favor.*”

Falei com ele delicadamente: “Ela precisa ser examinada, senhor Petersen”.

Seu punho bateu com força na mesa, numa súbita explosão de raiva. “Eu sei!” Os olhos se arregalaram. “Mas todos eles, a polícia, todo mundo!” A voz tremia. “Sei como é! Repórteres, todo mundo andando pela casa. Não quero que essa gente toda fique olhando para ela!”

Marino nem piscou. “Ei, também sou casado, Matt. Sei como se sente, está bem? Dou minha palavra de honra, ela será respeitada. Vai ser respeitada, como se fosse eu aí sentado nessa cadeira, no seu lugar, tá legal?”

O reconfortante bálsamo da mentira.

Os mortos são impotentes, e a violação daquela mulher, como de qualquer outra, mal começara. Eu sabia que só terminaria depois que Lori Petersen fosse virada pelo avesso, tivesse cada centímetro do corpo fotografado e exibido aos especialistas, policiais, advogados, juízes e membros de um júri. Não faltariam pensamentos e comentários sobre os atributos físicos daquela mulher ou sobre a falta deles. Haveria piadas infames e críticas cínicas quando a vítima, e não o assassino, fosse levada a julgamento. Todas as características de sua pessoa e de seu modo de vida seriam examinadas, avaliadas e até aviltadas, em determinados momentos.

Mortes violentas são um espetáculo público, e essa faceta da profissão que eu exercia conflitava violentamente com minha sensibilidade. Tentava ao máximo preservar a dignidade das vítimas. Pouco podia fazer, porém, depois que a pessoa se tornava um caso, ganhava um número, transformava-se num item protocolado que circulava de mão em mão. A privacidade acabava, como a vida.

Marino me levou para fora da cozinha, deixando o outro policial encarregado de continuar a interrogar Petersen.

“Já tiraram as fotografias?”, perguntei.

“O pessoal da técnica está lá agora, empoeirando tudo”, ele disse, referindo-se à equipe do setor de identificação encarregada das impressões digitais. “Disse a eles para tomar muito cuidado com o corpo.”

Paramos no corredor.

Nas paredes havia diversas aquarelas de bom gosto, além de uma coleção de fotos. Mostravam a mulher e o marido em suas respectivas formaturas e o casal junto, na praia, apoiado num dos pilares fustigados pelas intempéries do cais, tendo o mar ao fundo. As pernas das calças dos dois estavam enroladas até quase os joelhos, as faces coradas pelo sol. Ela havia sido bela em vida. Loura, com traços delicados e um sorriso cativante. Estudara em Brown e depois se formara em medicina por Harvard. O marido também havia estudado em Harvard, provavelmente se conheceram lá. Aparentava ser mais jovem que ela.

Ela. Lori Petersen. Brown. Harvard. Brilhante. Trinta anos. A ponto de realizar seu sonho, após oito árduos anos estudando medicina, no mínimo. Médica. Tudo destruído em alguns minutos para o prazer aberrante de um desconhecido.

Marino tocou meu braço.

Desviei a vista das fotografias, pois ele chamava minha atenção para a porta aberta à esquerda, logo adiante.

“Ele entrou por ali”, disse.

Era um lavabo pequeno, com piso de cerâmica branca e paredes revestidas de papel azul Williamsburg. Havia um vaso sanitário, uma pia e um cesto de vime para as roupas. A janela acima da privada estava escancarada, e pelo quadrado negro penetrava uma brisa úmida, fria, que balançava as cortinas brancas engomadas. Na escuridão, entre as árvores, as cigarras cantavam ásperas.

“A tela foi cortada.” O rosto de Marino permaneceu inexpressivo quando ele me encarou. “Ficou dependurada do lado de fora da casa. Bem debaixo da janela encontramos um banco de mesa para piquenique. Pelo jeito, ele o arrastou até lá para subir e pular a janela.”

Examinei o chão, a pia, a tampa da privada. Não encontrei manchas,

sujeira nem pegadas. De todo modo, seria difícil saber com certeza, de onde eu estava, e não pretendia correr nenhum risco de contaminar o local.

“A janela estava trancada?”, perguntei.

“Creio que não. Todas as outras janelas estavam. Já confirmei. Ela provavelmente achou que essa também estivesse. De todas as janelas, era a mais vulnerável, a mais perto do chão. Fica nos fundos, onde ninguém pode ver o que está acontecendo. Melhor do que entrar pela janela do quarto. Se o cara é jeitoso, pode cortar a tela, entrar e seguir pelo corredor, sem ser notado.”

“E as portas? Estavam trancadas quando o marido voltou para casa?”

“Ele diz que sim.”

“Então o assassino saiu por onde entrou”, deduzi.

“Tudo indica que sim. Sujeitinho cuidadoso, não acha?” Apoiado no batente da porta, ele olhava para dentro do lavabo, sem entrar. “Não vejo nada por aqui, até parece que o cara limpou tudo, evitando deixar marcas na privada ou no piso. Choveu o dia inteiro.” Seus olhos permaneceram inexpressivos quando se fixaram em mim. “Devia estar com os pés sujos, talvez até enlameados.”

Não sabia aonde Marino queria chegar com aquela história. Era difícil compreendê-lo; eu nunca conseguia determinar se ele era um bom jogador de pôquer ou meio lerdo. Exatamente o tipo de investigador que eu evitava quando tinha escolha — machão, metido, absolutamente intocável. Beirava os cinquenta anos. A vida dura deixara marcas profundas no rosto e entradas profundas no cabelo, parcialmente ocultas pelos longos fios grisalhos penteados de um lado para o outro da cabeça. Tinha mais de um metro e oitenta e barriga obscena, consequência de décadas de bourbon e cerveja. A gravata fora de moda, larga e listrada de azul e vermelho, estava ensebada no pescoço, onde acumulara o suor de muitos verões. Marino era o típico policial de seriado — durão, arrogante, metido. Provavelmente tinha um papagaio que falava palavrões e pilhas da revista *Hustler* na mesa de centro da sala.

Segui pelo corredor, parando na porta da suíte do casal. Esvaziei a mente de toda e qualquer sensibilidade.

Um técnico da polícia espalhava o pó preto por todas as superfícies; outro se ocupava em gravar tudo em vídeo.

Vi Lori Petersen em cima da cama. A colcha azul e branca deslizara, ficando meio dependurada aos pés da cama. O lençol de cima fora chutado para baixo e estava embolado sob os pés dela. O lençol de baixo se soltara nos cantos, expondo o colchão. Os travesseiros haviam sido enfiados debaixo da cabeça, do lado direito. A cama fora o centro de uma violenta tempestade e continuava rodeada pelo aconchego inalterado de um quarto típico de classe média, com seus móveis de carvalho encerado.

Ela estava nua. A camisola de algodão amarelo-claro jazia sobre o tapete artesanal de retalhos coloridos, do lado direito da cama. Fora cortada da gola à barra, numa repetição do padrão dos três casos anteriores. Havia um telefone no aparador, perto da porta, cujo fio fora arrancado da tomada. Os dois abajures nos lados da cama estavam desligados, e os fios elétricos tinham sido removidos. Um deles prendia os pulsos, nas costas. O outro fio, passado seguindo um esquema diabolicamente criativo, idêntico ao dos outros casos, dava uma volta em torno do pescoço e descia pelas costas, para se unir ao que prendia as mãos dela. Finalmente, seguia esticado até prendê-la pelos tornozelos. Enquanto os joelhos permanecessem flexionados, o laço em torno do pescoço ficava frouxo. Se ela esticasse as pernas, num reflexo em consequência da dor ou por causa do peso do agressor em cima dela, o laço se fechava no pescoço.

A morte por asfixia demora apenas alguns minutos. Mas isso é muito tempo quando cada célula do organismo anseia desesperadamente por ar.

“Pode entrar, doutora”, disse o policial que filmava a cena. “Já gravei tudo na fita.”

Estudando cada passo, aproximei-me da cama, coloquei a maleta no chão e a abri para pegar um par de luvas cirúrgicas. Em seguida, ergui a câmera e tirei algumas fotografias do corpo *in situ*. Ela estava irreconhecível. O rosto inchara grotescamente, adquirindo uma coloração roxo-azulada escura, devido ao extravasamento sanguíneo provocado pelo aperto do laço no pescoço. O sangue escorrera pelo nariz e pela boca, manchando o lençol. O cabelo louro-palha estava desalinhado. Era alta, cerca de um metro e setenta, e visivelmente mais gordinha do que a versão jovem presente nas fotografias penduradas no corredor.

A aparência física era importante, pois a ausência de padrão estava se tornando um padrão. As quatro mulheres estranguladas aparente-

mente não possuíam características físicas em comum, nem mesmo a raça. A terceira vítima era negra e magra. A primeira, ruiva e rechonchuda; a segunda, morena e miúda. Exerciam profissões diferentes: professora, escritora *freelance*, recepcionista. E agora, médica. Viviam em áreas distintas da cidade.

Medi a temperatura do quarto e depois a corporal, com o longo termômetro que tirei da maleta. A do ambiente era 21,6 graus Celsius; a do corpo, 34,1. Determinar a hora da morte é mais ingrato do que muita gente pensa. Ela não pode ser estabelecida com exatidão, exceto quando há testemunhas ou quando o relógio no pulso da vítima para de funcionar. De todo modo, Lori Petersen estava morta havia menos de três horas. Um corpo esfria a uma taxa de dois a quatro graus por hora, e no caso dela o *rigor mortis* se iniciara nos músculos menores.

Procurei elementos que obviamente não sobreviveriam à viagem até o necrotério. Não havia fios de cabelo soltos na pele, mas encontrei diversas fibras. A maioria, sem dúvida, provinha das cobertas. Com uma pinça, coletei amostras esbranquiçadas minúsculas e várias outras que pareciam vir de um material azul-escuro ou preto. Depositei-as nos recipientes metálicos apropriados. As evidências mais óbvias eram um odor almiscarado e manchas ressecadas de um resíduo transparente como cola no torso e na barriga da perna.

Encontramos fluido seminal em todos os casos, mas ele tinha pouco valor em termos sorológicos. O atacante pertencia a um grupo de cerca de vinte por cento da população cuja característica era a não secreção. Nos não secretores, os antígenos com seu tipo sanguíneo não podiam ser encontrados nos outros fluidos corporais, como saliva, sêmen ou suor. Na falta de uma amostra de sangue, portanto, era impossível determinar seu tipo sanguíneo. Ele podia ser A, B, AB, qualquer coisa.

Cerca de dois anos antes a condição de não secretor num assassino era um golpe terrível no levantamento científico de provas. Agora, porém, havia o exame de DNA, capaz de identificar um criminoso entre todos os seres humanos do planeta desde que a polícia encontrasse uma amostra de tecido no local do crime, depois pegasse o suspeito e este não tivesse um irmão gêmeo idêntico.

Marino entrou no quarto e ficou bem atrás de mim.